**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**LETRAS – CICLO BÁSICO**

**Laura Helena Bezerra**

**INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**Caderneta do sociolinguista**

**SÃO PAULO**

**2017**

**Laura Helena Bezerra**

**Caderneta do Sociolinguista**

**Anotações sobre variações linguísticas  
ocorridas no dia a dia de forma espontânea  
apresentadas à matéria de introdução aos  
estudos da língua portuguesa do curso de letras  
da Universidade de São Paulo.**

**Orientadora: Prof. Dra. Marli Quadros Leite**

**São Paulo**

**2017**

**Sumário**

Introdução, 1

Variação Linguística 1, *2*

Variação Linguística 2, *3*

Variação Linguística 3, *4*

Variação Linguística 4, *5*

Variação Linguística 5, *6*

Variação Linguística 6, *7*

Conclusão, *8*

Referências Bibliográficas, *9*

**Introdução**

A língua é considerada uma instituição social e, por estar ligada com a fala, movimenta-se, sofrendo variações e evoluções. Os processos de variação linguística ocorrem desde os tempos mais remotos e, a partir desses processos, o surgimento de línguas, como o português e o italiano originadas do Latim, é levado em consideração para os estudos linguísticos diacrônicos de conservação e inovação.  
 O português do Brasil, assim como todas as línguas que existem no mundo, está em constante mudança. A diversidade de falantes, ligados aos seus registros, dialetos, às suas origens, classes sociais, faixas-etárias e, até mesmo, aos seus gêneros, criam uma corrente de opções e particularidades na fala dentro de uma determinada língua que resulta na criação de novas palavras. As palavras que mais sofrem mudanças são as que são mais utilizadas no cotidiano dos indivíduos. Essas novas palavras, por sua vez, entram no processo de difusão coletiva, após sua aceitação como uma boa forma de expressão.  
 Essa ordem de acontecimentos, e suas razões, é o que dá origem à diversidade linguística dentro de uma única língua.  
 As anotações seguintes foram feitas a partir de observações simples sobre os diferentes modos da fala particular das pessoas, mas trouxeram resultados significativos para a compreensão do fato de que a fala não está ligada à escrita e que as representações sonoras em um papel, ligadas à regras estabelecidas pela gramática tradicional, não acompanham a dinâmica da língua falada.

**Variação Linguística 1**

**Fonte:** Diálogo entre duas jovens de 18 anos e estudantes de letras. Conversa espontânea ocorrida em casa durante a janta.

**Variação ocorrida:** “Amanhã vou comer uma quentinha”

**Comentário:** Segundo Alves (2015 p.10) o léxico é *a parte bem sociável ou mais comunitária da linguagem humana.*O nível do léxico é um dos mais observados quando o assunto é variação linguística e quase sempre está relacionado à variação diatópica. O estudo da variação lexical é muito importante para compreender a diversidade de significantes para um único significado. Como pode-se observar no texto “Culto versus Popular: interpretações”, o estudo lexical foi feito, no século XIX com o objetivo de mostrar a influência da língua indígena sobre o conquistador, a variedade de substantivos indígenas e as características da variedade do português do Brasil, ou seja, é um estudo de extrema relevância desde tempos remotos.  
Indo de acordo com Antunes (2007) ao se referir ao léxico como *uma lista de palavras à disposição dos falantes,* na variação ocorrida uma jovem chamou de “quentinha” o que é popularmente conhecido como “marmita”. É interessante observar o fato de que ambas as jovens eram paulistas, mostrando que a variação lexical pode não só ocorrer entre pessoas de diferentes regiões do Brasil, mas também entre indivíduos de um mesmo Estado. Isso ocorre, pois “quentinha”, após sua criação, passou a ser considerada uma ótima palavra para representar “marmita”, sendo difundida com facilidade entre as pessoas.

**Variação Linguística 2**

**Fonte:** Fala de uma idosa de 87 anos, analfabeta e aposentada.

**Variação ocorrida:** “Ele é um estorvo”

**Comentário:** Segundo o dicionário Soares Amora da Língua Portuguesa “estorvo” significa embaraço, dificuldade e vem do verbo estorvar que, por sua vez, significa dificultar. Continuando com o léxico, a partir observação pode-se concluir que o uso de palavras diferentes para representar um único significado é influenciado pela faixa-etária. A anotação foi feita devido ao fato de a palavra “estorvo” não ser frequente no vocabulário de pessoas mais jovens. Essa palavra, pelo seu contexto, significa “que atrapalha” e, pode ser substituída por “incômodo”, o que é normalmente utilizado pelas pessoas.   
Segundo Halliday *todo falante aprendeu, como sua L1, uma particular variedade da língua de sua comunidade linguística e essa pode ser diferente em algum, ou em todos os níveis de outras variedades da mesma língua apreendidas por outros falantes como sua L1*A mudança de tempo influencia na formação dessa comunidade linguística, resultando em diferenças na fala de jovens e idosos.

**Variação Linguística 3**

**Fonte:** Conversa espontânea entre duas mulheres de aproximadamente 45 anos.

**Variação ocorrida:** “Vou pegar pra mim fazer”

**Comentário:** Segundo Cunha e Cintra (1995 p.290) existem duas formas possíveis na língua portuguesa: para eu e para mim. De acordo com sua observação sobre o assunto a construção *isso não é trabalho para mim em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil está muito generalizada na língua familiar.* Essa variação sintática foi difundida devido a motivos extralinguísticos, onde o padrão é substituído por uma forma aparentemente convincente na fala e sofre difusão na sociedade. O mesmo ocorre com construções relativas, por exemplo: O filme a que me referi é muito bom/O filme que me referi é muito bom.

Nesse mesmo exemplo de variação pode-se observar outro ponto relevante: a perda do primeiro “A” da palavra “para” na reprodução oral. Essa é uma variação fonológica, mais especificamente uma síncope, ou seja, a supressão de um segmento sonoro no interior de uma palavra (algo interessante que também ocorreu com a palavra *aperire* do latim e se transformou no verbo abrir do português, mostrando que o processo se repete até hoje). No texto “Culto versus Popular” é apontado que em conversações espontâneas dos falantes populares há frequentemente a supressão do “S” em palavras com “vamos” e até mesmo pode haver uma supressão inicial como em “estamos” (surgindo a variante “tamo”). Por mais que seja difícil para alguns aceitarem essas transformações que saem da norma culta, elas estão presentes.

**Variação Linguística 4**

**Fonte:** Fala de uma idosa de 87 anos, analfabeta e aposentada em uma conversa espontânea.

**Variação ocorrida:** “É mió eu ficar em casa”

**Comentário:** Essa variação de nível fonológico é muito relevante. Primeiro é interessante entender o processo que ocorre para transformar “melhor” em “meió”. Inicia-se com a despalatalização do *LH* (lh passa para l apenas: melhor>melior). Em seguida ocorre o iotacismo, que é a evolução de um som para a vogal ou para a semivogal (melior>meior). Por fim ocorre uma apócope, que seria a perda final da palavra (meior>meió). O mesmoocorre com palavras como “mulher”, por exemplo. Assim como explica Halliday esse tipo de variedade linguística é devida aos fatores que caracterizam o indivíduo e aos fatores em que ele entra em contato no seu cotidiano. Nesse caso a idade, a falta de escolaridade (classe e modo de criação) e o local de origem (interior), podem ser considerados fatores que determinam a ocorrência da variação fonológica.

**Variação Linguística 5**

**Fonte:** Conversa espontânea entre jovens de aproximadamente 20 anos e universitários.

**Variação ocorrida:** “A gente vai amanhã”

**Comentário:** Na diferenciação entre dialeto culto e dialeto popular feita por Preti, uma característica da fala popular levada em consideração é o *uso intenso da expressão a gente, em lugar de eu e nós.* Essa expressão foi muito combatida até meados do século XX, mas atualmente muitos estudiosos a consideram parte do *colóquio normal brasileiros.* A expressão “a gente” é muito vista na linguagem oral e até em textos mais informais que tem o intuito de se aproximarem do leitor. Uma pesquisa feita entre 1970 e 1990 pelos projetos NURC e VARSUL mostra que o uso intenso de “a gente” no lugar de “nós” chegou a atingir 82% de manifestações entre os jovens e 67% entre os adultos. Como dito anteriormente, atualmente a expressão não é tão vista como uma linguagem inferior, já que está em constante uso nas diversas regiões do país e por diversos falantes. A gramaticalização do termo é um assunto presente em inúmeras Gramáticas da língua portuguesa. José Carlos de Azeredo, por exemplo, diz que os pronomes pessoais são palavras cuja função é identificar as pessoas do discurso e inclui em sua lista da Gramática Houaiss a expressão “a gente” como *um conjunto de indivíduos em que o eu se inclui.* Cunha e Cintra também citam o termo na Nova Gramática do Português Contemporâneo, advertindo que o uso correto da expressão deve concordar com a terceira pessoa do singular. Essa variação pode ser considerada morfológica, já que ocorre uma alternância na forma pronominal e, nos dias de hoje, é considerada totalmente aceita pela gramática, já que foi difundida completamente.

**Variação Linguística 6**

**Fonte:** Conversa descontraída entre jovens de 16 anos do ensino médio.

**Variação ocorrida:** “nois vai na festa”

**Comentário:** Diferente do dialeto culto, no exemplo acima não há concordância entre a pessoa e a conjugação do verbo. Isso é uma variação morfológica extremamente influenciada pelo contexto em que a comunicação ocorre e pelo meio de atuação dos falantes. O registro criado com a falta de concordância entre pessoa e verbo é difundido e observado frequentemente entre os jovens dessa faixa etária. Também pode-se citar o fato de o som do “i” ser fortemente percebido no meio na palavra “nós”. Isso se chama epêntese e surge pelo mesmo processo de registro da língua sobre um certo grupo.

**Conclusão**

Pode-se concluir, a partir das observações dessa caderneta, que a língua portuguesa está exposta à diversos fatores que resultam em mudanças e criações de novas palavras.  
Teyssier (2014 4º ed p.98) diz que *as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dos brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra* e, as informações comentadas nesse conteúdo vão de acordo com essa ideia.   
Também pode-se concluir que a gramaticalização é fruto de uma *aceitação coletiva*, assim como diz Serafim da Silva Neto.  
E, por fim, os fatores sociais, idade, estilo, grupos e classes são fatores essências para a criação de um dialeto e para que este seja visto como uma marca capaz de definir um indivíduo.

**Referências Bibliográficas**

CUNHA, C; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ALVES, I. M. Os estudos lexicais em diferentes perspectivas. São Paulo: FFLCH USP, 2015.

LEITE, M. Q. Culto versus popular: interpretações. São Paulo. Texto inédito.

AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

COELHO, I. Para conhecer Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2015.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa; tradução Celso Cunha. 4ºed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NETO, S. S. História da Língua Portuguesa. 4ºed. Rio de Janeiro: 1986.